

Narrativa oral e escrita: encontros e contrapontos sobre o mito “a origem dos povos indígenas” na perspectiva de índios e brancos

Narrativa oral y escritura: encuentros y contrastes sobre el mito “el origen de los pueblos indígenas” en la perspectiva de indios y blancos

Rita de Cássia Verdi FUMAGALLI*

URI

Carlete Maria THOMÉ**

URI

Luana Teixeira PORTO***

URI

Resumo: Neste artigo, a partir de narrativas referentes à origem dos povos indígenas, contadas pelos índios da comunidade da reserva indígena do Guarita do município de Tenente Portela – RS, procuramos definir encontros e contrapontos entre os fenômenos de transição de perspectivas que ocorrem nas narrações: ora da tradição oral para a tradição escrita, ora da tradição escrita para a oral, cotejando essa narrativa oral indígena com um texto escrito sob a perspectiva de uma escritora branca que faz referência ao mito do começo da humanidade o qual foi publicado no livro *Tuparis e Tarupás*. O estudo é iniciado com algumas definições propostas por Henry Remak (1994) e Tania Franco Carvalhal (1991) sobre Literatura Comparada a fim de compreendermos conceitos fundamentais do comparatismo literário. Em um segundo momento abordaremos algumas reflexões a respeito do papel das narrativas orais no fazer histórico e cotidiano do homem, na sua forma de estar no mundo. Discutiremos então as narrativas orais, permeadas de informações que auxiliam o homem em seus processos identitários e coletivos, apresentando algumas diferenças fundamentais entre a narrativa oral e a narrativa escrita. Proporemos algumas reflexões a respeito do mito, sua definição e função e a importância que o mito exerce para a formação da identidade indígena. Por fim, buscaremos por meio do cotejo entre as duas fontes, detectar as aproximações e distanciamentos em relação à história contada pela informante indígena e a narrativa escrita e publicada por uma escritora não indígena a qual aborda a temática do mito sobre “O começo da humanidade”, de forma a perceber mais claramente quando e como cada mito, dentro da sua narrativa apresentam fatos e marcas características que ainda transitam entre as duas tendências. As reflexões sinalizam que existem aproximações entre as duas narrativas ao abordarem a ideia de que os

* Mestranda em Letras.
ritacassiaverdi@yahoo.com.br

** Mestranda em Letras. carlete_sc@hotmail.com

*** Doutora em Letras.
luanatporto@bol.com.br

povos indígenas surgiram da mãe terra, porém os distanciamentos são evidenciados a partir do momento em que as histórias da criação do mundo ganham características individuais do grupo e etnia em que são contadas, carregadas de marcas pessoais e alimentadas pelas crenças particulares de cada grupo indígena.

Palavras-chave: Narrativas orais. Narrativa escrita. Mito indígena. Literatura comparada.

Resumen: En este artículo, a partir de narrativas referentes al origen de los pueblos indígenas, contadas por los indios de la comunidad de la reserva indígena del Guarita del municipio de Tenente Portela – RS, buscamos definir encuentros y contrapuntos entre los fenómenos de transición de perspectivas que ocurren en las narraciones: ora de la tradición oral para la tradición escrita, ora de la tradición escrita para la oral, cotejando esa narrativa oral indígena con un texto escrito bajo la perspectiva de una escritora blanca que hace referencia al mito del comienzo de la humanidad el cual fue publicado en el libro Tuparis y Tarupás. El estudio es iniciado con algunas definiciones propuestas por Henry Remak (1994) y Tania Franco Carvalhal (1991) sobre Literatura Comparada a fin de comprender conceptos fundamentales del comparatismo literario. En un segundo momento abordaremos algunas reflexiones acerca del papel de las narrativas orais en el hacer histórico y cotidiano del hombre, en su forma de estar en el mundo. Discutiremos entonces las narrativas orais, permeadas de informaciones que auxilian el hombre en sus procesos identitário y colectivos presentando algunas diferencias fundamentales entre la narrativa oral y la narrativa escrita. Propondremos algunas reflexiones acerca del mito, su definición y función y la importancia que el mismo ejerce para la formación de la identidad indígena. Por fin, buscaremos por medio del cotejo entre las dos fuentes, detectar las aproximaciones y distanciamentos en relación a la historia contada por la informante indígena y la narrativa escrita y publicada por una escritora no indígena la cual aborda la temática del mito sobre “El comienzo de la humanidad”, de forma a percibir más claramente cuando y como cada mito, dentro de su narrativa presentan hechos y marcas características que aún transitan entre las dos tendencias. Las reflexiones señalizan que existen aproximaciones entre las dos narrativas al aborden la idea de que los pueblos indígenas surgieron de la madre tierra, sin embargo los distanciamentos son evidenciados a partir del momento en que las historias de la creación del mundo ganan características individuales del grupo y etnia en que son contadas, cargadas de marcas personales y alimentadas por las creencias particulares de cada grupo indígena.

Palabras-clave: Narrativas orais. Narrativa escrita. Mito indígena. Literatura comparada.

Considerações iniciais

As narrativas, em geral, são elementos significativos da memória coletiva e unidades constituintes das redes de conhecimento que fornecem sentidos e servem, dentre outras funções básicas, para acumulação, armazenamento e transmissão de conhecimentos. Elas são mídias portadoras de

experiências e se manifestam por meio da tradição oral, que é alimentada pela troca verbal de informações: “fala-se da boca para o ouvido diretamente” (MENGHI, p. 83), ou por meio da tradição escrita, que é alimentada por documentos e que exigem a capacidade de leitura do código utilizado. Normalmente organizamos nossa experiência e nossa memória através da narrativa, é ela que contribui para a estruturação de nossa experiência humana.

Considerando as reflexões sobre a importância das narrativas como elementos significativos da memória coletiva de um grupo, podemos pensar nas narrativas sobre a origem dos povos indígenas como expressão da tradição cultural de sua comunidade. Normalmente as narrativas indígenas se manifestam por meio da tradição oral e da tradição escrita e se originam das experiências individuais e coletivas de diversos grupos, sendo formadas principalmente pelas experiências dos ancestrais que se fundiram durante anos, construindo assim a história e o cotidiano dos povos e a sua forma peculiar de estar no mundo.

Essas narrativas, tanto orais como escritas, fundamentam grande parte dos comportamentos das pessoas, principalmente os comportamentos mais instintivos e as fantasias criativas, construindo assim a sua própria identidade. Ferreira Netto (2008) comenta que as narrativas desempenham papéis importantes na manutenção dessa reafirmação da identidade; para ele as narrativas, “[...] são elementos significativos de uma complexa rede de signos e sinais culturais que fornecem critérios de avaliação social” (FERREIRA NETTO, 2008, p. 18). Dessa forma, podemos afirmar que as narrativas enquanto elementos significativos da memória coletiva de um grupo formam uma rede de conhecimentos que fornecem sentidos de coesão e coerência à identidade social do grupo.

Dessa maneira, essa pesquisa consiste em problematizar, através da análise comparativa, as relações existentes entre a narrativa oral indígena fornecida por uma índia Kaingáng e uma recriação do mito indígena “O Começo da Humanidade” sob a perspectiva de uma escritora branca, o qual foi publicado no livro *Tuparis e Tarupás*. As duas narrativas abordam a temática da criação dos povos indígenas e apresentam características particulares de cada estilo, assim, procuramos identificar os elementos intertextuais que aproximam, relacionam e distanciam ambas narrativas, estabelecendo, também, os pontos de contato existentes entre o mito publicado e o mito coletado através da narrativa oral, descrevendo como acontece esse contato e quais são os elementos que constroem os pontos de convergência e divergência.

Conceitos fundamentais da Literatura Comparada

A Literatura Comparada vem ampliando o âmbito de sua pesquisa, fazendo com que o lugar do texto literário na sociedade sofra transformações.

Sem o viés tradicional, passa-se a estudar a relação entre literatura e vida cultural juntamente com outras artes e outros públicos. Assim, podemos denotar que o comparatismo é um campo muito vasto e que abriga estudos variados, seja das relações entre culturas literárias, seja entre literatura e outras formas artísticas ou mesmo de outras áreas do conhecimento.

Assim, a literatura comparada assume um objetivo principal, o de investigar que tipos de diálogos e olhares se estabelecem entre diferentes textos, regiões e diferentes ambientes culturais e como tais diferenças interagem (ou não), além de evidenciar qual a importância do leitor nesse processo. Sendo assim, realizar esse processo de investigação e analisar a relação entre dois ou mais textos, dentre os quais, pelo menos, um deles seja literário, não é tarefa fácil sendo necessário, para tanto, a recorrência à Literatura Comparada.

Uma das definições propostas por Henry Remak (1994) para Literatura Comparada é a de que ela seria o “estudo das relações entre, por um lado, a literatura e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes [...], a filosofia, a história, as ciências sociais [...], a religião etc.” (REMAK, 1994, p. 175). Segundo ele, é através dessas relações que podemos ter “uma compreensão melhor e mais completa da literatura como um todo, em vez de um segmento departamental ou vários fragmentos departamentais de literatura isolados” (REMAK, 1994, p. 181).

Considerando essa assertiva, podemos entender que tais parâmetros teóricos nos levam a compreender melhor o texto literário, possibilitando que melhor nos conheçamos e que nos aproximemos mais da alteridade. Podemos definir que essa alteridade é o elemento fundamental da literatura comparada, não só por efetuar o diálogo do sujeito com a própria subjetividade, mas também por permitir à leitura do fato literário o convívio e a contaminação com campos e saberes diversos de naturezas artísticas e não artísticas.

Conforme Remak (1994), “a literatura comparada, pelo menos em teoria, pode comparar qualquer coisa comparável, não importa o quanto as obras possam ser antigas ou recentes” (REMAK, 1994, p. 183). Para o autor, esse processo de comparar “qualquer coisa” não assume características demarcadas, na mesma proporção, por critérios de qualidade e /ou intensidade, como a literatura mundial, que: “trabalha predominantemente com produções literárias de qualidade duradoura, que obtiveram prestígio ao longo do tempo e em todo o mundo (por exemplo, a Divina comédia, Dom Quixote) [...]” (REMAK, 1994, p. 183).

Como vimos, para Remak (1994), o propósito do estudo da Literatura Comparada não é o de ser comparativo a cada página ou a cada capítulo, mas a: “ênfase e a execução globais devem ser comparativos” (REMAK, 1994, p.183). Tania Carvalhal (1991) também evidencia esse propósito ao afirmar que a base para a Literatura Comparada é a diversidade de

linguagens e formas de expressão. Segundo a autora: “[...] comparar não é justapor ou sobrepor, mas é, sobretudo, investigar, indagar, formular questões que nos digam não somente sobre os elementos em jogo (o literário, o artístico), mas sobre o que os ampara (o cultural, por extensão, o social)” (CARVALHAL, 1991, p. 11).

Entendida assim, a Literatura Comparada torna-se um método de análise que permite encontrar algo comum em locais totalmente diversos, e construir significados a partir da observação de outras esferas de expressão humana, explicando os diferentes olhares sobre o mesmo tema, seu objetivo principal não é examinar valores estéticos, mas estabelecer um conceito entre diversas e diferentes manifestações culturais, podendo se manifestar por meio da música, do teatro, do cinema, da poesia, da prosa, dos mitos, das lendas, da maneira como os temas são abordados e influenciados pelo olhar de quem traduz ou de quem lê.

Para tanto, é esse olhar, sob diferentes formas, que buscamos enfatizar no processo de análise entre uma narrativa oral no cotejo com uma narrativa escrita, considerando os pressupostos teóricos dos autores. Nosso foco principal não é o de caracterizarmos as narrativas, estabelecendo distinções entre as propriedades formais e funcionais, buscamos, caracterizá-las essencialmente pela sua natureza dialógica, ou seja, sua inserção num discurso.

Para fundamentarmos as observações sobre o discurso dos objetos do nosso estudo faz-se necessário que entendamos um pouco a relação existente entre as narrativas orais e as narrativas escritas que, por vezes, são complexas e amplas, mas nos ajudam a entender a forma pela qual a literatura se aclimata pela inclusão de elementos locais e particulares no enredo central da narrativa.

Narrativas orais e narrativas escritas

As relações entre escrita e oralidade são complexas e amplas, por isso não nos cabe aqui discuti-las profundamente. Vamos considerar a relação entre oral e escrito como um dos elementos caracterizadores da escrita indígena e abordá-lo brevemente. Sabemos que, *desde os primórdios até os dias contemporâneos, o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, por meio da escrita rupestre entremeada de sons guturais até a elaboração da linguagem. Contando sua própria história e a do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como um recurso vital e fundamental. Sem ela, a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos são seria possível.*

Ao narrarmos nossas histórias, satisfazemos a necessidade que temos de nos comunicar com os demais em todas as atividades do cotidiano como também exteriorizamos nosso mundo interior, nossos sentimentos

e nossas emoções, e para isso utilizamos a palavra ou a escrita como um valor estético, artístico e lúdico. Para as comunidades indígenas, o ato de contar histórias vai muito além da necessidade de comunicação. Ao contarem suas histórias, suas lendas e seus mitos, os indígenas estruturam uma grandiosa batalha pela sobrevivência do próprio povo.

Dessa forma, os relatos, as narrativas e as histórias de vida são convenções culturais que se interligam a um contexto histórico, e, portanto, o que se relata é constituído da cultura que se vive. Todas essas histórias podem ser contadas de diversas formas: oralmente, por escrito, através de sons e de imagens, paradas ou em movimento. Uma visão mais ampla que contempla a diversidade de ocorrências da narrativa na vida humana pode ser observada em Roland Barthes (1976):

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura, no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação. Além disto, sob estas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos têm suas narrativas. (BARTHES, 1976, p. 19-20).

Como vimos, a narrativa, seja ela oral ou escrita, está presente em todos os lugares em todas as classes. Cada comunidade possui suas narrativas e as utiliza para dar sentido às coisas que a cercam. Das mais simples às mais complexas, em todos os momentos criamos narrativas na tentativa de compreender o mundo ao nosso redor. Barthes (1976) revela que a nossa capacidade de narrar a nós mesmos, além de envolver a capacidade de refletir sobre a experiência vivida, pode ajudar a entender e a organizar a realidade social e, dessa forma, oferecer melhores condições para que os sujeitos possam transformar a própria realidade.

A escrita e as narrativas orais não são fontes excludentes entre si, mas complementam-se mutuamente, encerrando, cada uma, características e funções específicas, bem como a exigência em requererem instrumentos interpretativos próprios. As fontes orais não são meros sustentáculos das formas escritas tradicionais, pois são diferentes em sua constituição interna e utilidade inerente, apesar de muitas das fontes escritas estarem baseadas nas fontes orais como também, muito das fontes orais modernas estarem saturadas de escrita. As fontes escritas permitem emitir um determinado

conteúdo, enquanto as fontes orais se caracterizam pela transmissão de conteúdos (CASSAB, 2005).

Pensando nas narrativas orais como transmissão de conteúdo, enfatizamos as narrativas indígenas que há muito tempo são passadas de geração a geração, não apenas como uma prática cotidiana, mas como um ofício comum, do qual muitos mitos se encarregaram de passar e repassar ensinamentos e lições de vida. Para os indígenas, as narrativas orais constituem-se mais do que relatos de um fato, em que aparecem personagens enigmáticos, seres que habitam lugares comuns, como os rios e as matas. São narrativas da vida e são também histórias de vida. São tesouros semeados na mente de quem um dia as ouviu e continua ouvindo. São relatos, memória e poesia contados e cantados pelas vozes poéticas de homens e mulheres. Segundo Almeida e Queiroz (2004):

Ao escreverem e publicarem seus mitos, os índios concretizam o universo de sua cultura, seus costumes, suas crenças. O que acontece nos dias de hoje não é um simples processo editorial e literário, mas sim o assumir, por parte dos índios, um novo posicionamento na História e na literatura, um posicionamento mais ativo, coletivo e até mesmo político. Através da escrita de seus mitos, os índios colocam-se como os verdadeiros autores de sua História (ALMEIDA; QUEIROZ, 2004, p. 251).

Assim, contar o mito é batalhar pela sobrevivência do próprio povo. Superior à História, o sentido do mito existe na utilização repetitiva por grupos sociais que fundam sua unidade através de ritos que reencenam, de maneira intangível, o acontecimento da origem. (ALMEIDA; QUEIROZ, 2004, p. 251). Muitas vezes os mitos indígenas ganham outras vozes porque são recontados através de narrativas escritas por autores não brancos. Nesse processo, surgem graus variados de consciência, por parte de seus autores, além de diferenças radicais entre a forma escrita e a forma original oral dessas narrativas.

Dessa forma, através da narrativa escrita, o sujeito reorganiza e confere sentido (particular) à experiência. Dessa forma, os relatos, as narrativas e as histórias de vida são convenções culturais que se interligam a um contexto histórico, e, portanto, o que se relata é constituído da cultura que se vive.

O mito “A criação dos povos indígenas” através da narrativa oral indígena

Segundo Almeida e Queiroz (2004), a forma mais simples, e talvez a mais clara, de definir o mito é como:

A representação concreta da concepção do mundo de comunidades humanas. Dessa forma, a tradição mítica de cada povo constitui um esforço

no sentido da representação de si próprio, do que é, do que faz, de como vive, e do estabelecimento de toda uma moral, um ritual, uma mentalidade, baseando-se nessa mitologia. A função social do mito, porém, não exclui a sua função poética ou recreativa (ALMEIDA; QUEIROZ, 2004, p. 233).

Normalmente os mitos se caracterizam pelas histórias sobre um passado bem distante que, ao mesmo tempo, dão sentido à vida no presente, pois explicam como o mundo, os seres e as coisas vieram a ser como são. São contados e recontados pelos mais velhos aos mais novos. É assim que importantes conhecimentos são transmitidos oralmente de uma geração para outra.

Os mitos se relacionam com a vida social, os rituais, a história e o modo de viver e pensar de cada sociedade e, por isso, expressam maneiras diferentes de ver a vida, a morte, o mundo, os seres, o tempo, o espaço... Eles são partes da tradição de um povo, mas essa tradição sempre se transforma. Isso acontece porque toda vez que um mito é contado, ele pode ser recriado por quem o conta. As experiências vividas e os acontecimentos considerados importantes no momento da narração podem influenciar o narrador, alterando a história. Por essa razão, os mitos estão sempre se modificando. E é por isso que existem várias versões de um mesmo mito, isto é, há diferentes formas de contar uma mesma história.

Aracy Lopes da Silva (1998), em seu livro *A temática indígena na escola*, também discorre sobre o conceito de mito. Para a autora, o mito pode ser definido como “um nível específico de linguagem, uma maneira especial de pensar e de expressar categorias, conceitos, imagens, noções articuladas em histórias cujos episódios se pode facilmente visualizar. O mito, então, é percebido como uma maneira de exercitar o pensamento e expressar ideias”. (SILVA, 1998, p. 324).

Ao cultivarem seus mitos, as “As sociedades indígenas conseguem apresentar conhecimentos, reflexões e verdades essenciais em uma linguagem que é acessível já às crianças que, deste modo, entram em contato com questões cuja complexidade irão aos poucos construindo e compreendendo”. (SILVA, 1998, p. 327).

Os mitos são parte da tradição dos indígenas, mas essa tradição é continuamente recriada: caso contrário, perderia o sentido, estaria fossilizada, seria reminiscência, apenas, e não memória de experiência passadas, mas tornadas referência vivas para o presente e para o futuro. Os mitos, assim, mantêm com a história uma relação de intercâmbio, registrando fatos, interpretações, reduzindo, por vezes, a novidade ao já conhecido ou, inversamente, deixando-se levar pelo evento, transformando-se com ele. (SILVA, 1988, p. 327).

Ao explicarem a origem das coisas, cada grupo indígena possui as suas crenças particulares, suas histórias e maneiras características de

contar. No passado, quando não existia a interferência do homem branco, os indígenas tinham os métodos próprios de ensinarem a seus filhos, por exemplo: As comunidades tinham como referência as pessoas mais velhas, ou seja, os filhos acompanhavam desde pequenos seus pais que lhes passavam seus saberes relacionados à cultura. Os pais lhes ensinavam que a cultura era muito importante para preservar a identidade indígena. Entre os Kaingáng há dois grandes clãs: *Kamé* e *Kairú*. Ambos os clãs assumem o importante papel de manter o respeito entre as famílias com relação a sua origem.

Essa valorização da família e o respeito pelo clã ao qual cada indivíduo indígena pertence pode ser evidenciado na narrativa oral contada por uma indígena da comunidade do Guarita do Município de Tenente Portela. A narrativa coletada faz referência à origem dos povos indígenas. Conforme o depoimento da informante, os primeiros desta etnia foram originados da terra, por isso têm esta cor. Podemos conhecer essa história no depoimento que segue:

Depoimento da Informante indígena:

Como surgiu o povo... Os povos indígenas Kaingáng né? Quando se fala em povos não é só Kaingáng. Para nós que tamos estudando, entendemos assim dos povos né? Que cada um tem a sua cultura diferente a sua fala diferente. Então pra nós Kaingáng como surgiu o povo indígena foi em dois grupos, né? Um grupo surgiu da terra os dois grupos surgiram da terra. Tupã que é o Pai criador colocou no alto de uma montanha bem alta bem alta né? Dois irmão então eles ficaram ali descansando né? Tavam esperando as ordens do Tupã até que um dia Tupã disse que eles eram para acordar, né? Daí eles começaram a cavar a montanha porque queriam sair né? Só que cada um foi para um lado o primeiro deles encontrou muita terra então cavou e cavou e conseguiu sair primeiro né? Ele não tinha nenhum machucadinho nada né? Esse primeiro surgiu quando o sol nasceu clareou o dia apareceu o sol né? Então surgiu o primeiro grupo que foi dado o nome de Kamé [...] Por isso hoje nós temos a Organização Social das raças que tem dois. Esse que nasceu esses que saíram da terra quando o sol nasceu, que apareceu o sol, foi dado o nome do grupo Kamé. Então por isso eles são Kamé o outro irmão Kaingáng encontrou só pedra no caminho enquanto ele tava cavando daí se machucou muito e saiu da montanha com muito machucado na mão ele só saiu da terra à noite no amanhecer daí ele surgiu da terra a noite e foi chamado de Kañerú, então eles pegaram a lua, né? Que é a marca da lua. Hoje eu sou Kañerú, então o meu grupo surgiu de noite, né? No amanhecer. Então por isso que hoje tem dois, dois clãs, né? Que se chamam, que são as marcas. E aí são dois grupos, né? E aí o grupo que nasceu que saiu primeiro era o Kamé eles subiram pra os morros pra cima, nos lugares altos. E o grupo de Kañerú vieram pra baixo, para os lugares baixo. Então o que eles disseram como, como eles eram parentes, o grupo que subiu lá encima, o Kamé eram todos

parentes, né? Aí não podia se casar com os mesmos de lá, porque eram do mesmo sangue, do mesmo grupo. Então o que eles disseram – não nós temos que nos reunir com os outros! Então desceram para se reunir com os que estavam nos lugares mais baixos então foi aí que surgiu a família indígena.

Percebemos, através do depoimento da indígena, que o mito de origem diz que os primeiros desta etnia saíram da terra, um grupo saiu durante a noite por isso foi chamado de Kañerú, o outro saiu quando estava amanhecendo, quando apareceu o sol, por isso recebeu o nome de Kamé. Esses dois grupos foram chefiados por dois irmãos gêmeos, Kañerú e Kamé e cada um trouxe consigo um grupo de pessoas de ambos os sexos, por isso o Kamé, segundo os indígenas, é o mais forte, tem o corpo grosso, pés grandes, e são vagarosos nos movimentos. Já o Kañerú é o mais fraco, tem o corpo fino, peludo, pés pequenos, são mais ligeiros tanto nos movimentos, quanto nas resoluções de problemas.

Como vimos, os indígenas acreditam e repassam até hoje o seu mito fundador para as crianças e adolescentes da comunidade. A informante citou também que, quando nasce uma criança, já é passada a ela a marca a que pertence Kañerú ou Kamé. Essas marcas são respeitadas dentro da comunidade, por isso não é permitido o casamento entre grupos da mesma origem.

Conforme a informante indígena citou, cada comunidade possui sua cultura e suas crenças, por isso, podem surgir várias versões sobre o mito de origem dos povos indígenas variando de tribo para tribo. Desse modo, não podemos afirmar se esse mito de origem é a versão em que todos os grupos indígenas acreditam.

Nesse contexto, vamos analisar agora um mito publicado por uma escritora não índia, o qual não faz nenhuma referência a que grupo pertence, apresentando para o leitor como se o mito da criação dos povos indígenas fosse único para todos os grupos indígenas que existem hoje no Brasil.

A representação do mito indígena “O Começo da Humanidade” sob a visão de uma escritora branca

Conforme Aracy Lopes da Silva (1998) os mitos indígenas vêm sendo registrados e publicados por autores não índios a partir do século XVI. Segundo a autora:

Os mitos dos povos indígenas da América vêm sendo coletados, registrados por não-índios desde que foram feitos os primeiros contos, no contexto da conquista. Inicialmente entendidos como narrativas de caráter religioso, expressão de crenças e superstições que deveriam ser empreendidas para serem transformadas e, no final do processo, substituídas pela verdadeira

fé dos colonizadores, os mitos e as práticas rituais dos povos americanos foram objeto da atenção de um sem-número de cronistas, a partir do século XVI. (SILVA, 1998, p. 317).

Ainda hoje muitos autores continuam coletando a contribuição cultural indígena. Muitas vezes essas histórias são selecionadas, modificadas e registradas pelos brancos fazendo com que muito da originalidade das narrativas orais seja perdida. A figura do índio muitas vezes é vista apenas como personagem das histórias dos brancos ou os brancos se posicionam como “donos” e autores das histórias dos índios.

A antropóloga Betty Mindlin trabalha há anos em projetos de pesquisa e de apoio a numerosos povos indígenas de diversas regiões. Seus assuntos prediletos são mitos, escrita, e oralidade. Sua narrativa “**O começo da humanidade**” é um texto que nos faz refletir sobre as tradições indígenas que, hoje, estão se perdendo, e também possibilita um questionamento sobre a veracidade de alguns fatos do mito fundador e as impressões que este pode causar no leitor em relação a imagem do indígena em contraponto aos outros grupos da terra. Observamos o mito fundador sobre a origem dos povos através da narrativa escrita de Betty Mindlin (1993):

O começo da humanidade

Não existia gente no mundo, apenas um homem chamado Toba com sua mulher. Plantavam macaxeira, milho, batatas, banana, mamão. Fora a roça deles, tudo era natureza, sem plantação alguma. Eram só os dois sozinhos. Nem sequer bichos havia; só cutia e o nambu-relógio. Toba debulhava o milho e fazia montinhos. Um dia, viu que a colheita estava desaparecendo. Imaginando que o ladrão podia ser a cutia, se não fosse a tanajura ou a saúva, fez uma tocaia para espreitá-la, bem de madrugada. Em vez de cutia, viu que era gente, debaixo da terra, que esticava a mão por um buraco para roubar seu milho. Toba conseguia ouvir conversas no subterrâneo, pessoas brigando para ver quem poria primeiro a mão para surripiar o milho. A saída do mundo subterrâneo era um buraco tampado por uma rocha pesadíssima. Toba fez força e conseguiu levantá-la para as pessoas saírem; mas tinham que ficar segurando o peso imenso, apressando o povo enquanto sustentava a rocha. As pessoas foram saindo. Tinham mãos de pato, com dedos grudados. Eram horrendas, diferentes das de hoje, com chifres, queixos protuberantes, narizes compridos e dentes aguçados, salientes. iam saindo com todos os seus pertences, cestas, colares, arcos e flechas. Vinham fazendo barulho, brigando para ficar cada uma com mais milho que a outra. Toba não queria que saísse a semente dos que não são índios, dos que são chamados “brancos”. Quando aparecia a cabeça de homem ou mulher que não era índio querendo sair, Toba empurrava de volta para o buraco. O pessoal começou a demorar muito para sair. Havia uma mulher linda que, ao chegar à saída, lembrou que deixara a peneira lá embaixo; voltou para buscar. Todos a chamavam, mas nada

dela aparecer. Se tivesse saído, as pessoas hoje seriam lindíssimas, mas demorou tanto que Toba não agüentou mais segurar a rocha. Toba foi ficando bravo, pois a semente dos “brancos” (um homem e uma mulher) conseguiu sair, mas a mulher linda acabou ficando lá dentro. Toba pôs a rocha no lugar e fez banco e esteira para as pessoas sentarem. Começou então a consertá-las e separá-las em povos diferentes. Cortou os chifres, rabos, serrou os pés de pato. Era uma operação demorada, e cada vez, para que não escurecesse logo, para poder ter um dia mais comprido. Quando ajeitou tudo, Toba ensinou cantigas aos homens: _ Quem vai ser cantor? De que povo? Os homens respondiam e escolhiam. Cada povo tinha sua cantiga e sua língua, e ficou assim. Os Tupari aprenderam por último; Toba ralhava quando erravam. A cantiga começou assim: Tamairiran, tamairiran. A semente do “branco” ficou para trás. O índio ficou sendo o dono da terra, porque saiu primeiro. O “branco” saiu por último; Toba queria que ele tivesse ficado lá embaixo. Toba espalhou os povos dos índios por todos os cantos, aumentando a terra e o mato para todos caberem. (MINDLIN, 1993)

Aproximações e distanciamentos entre as narrativas orais e escritas referentes à criação do mundo.

A seguir, serão apontados por meio de excertos retirados das narrativas as convergências e divergências existentes entre os dois mitos que indicam os movimentos que podem ser vistos como critérios capazes de apontar a diferenças entre tendências derivadas da tradição oral e as derivadas da tradição escrita.

Quadro 1 - Aproximações e distanciamentos entre as narrativas orais e escritas referentes à criação do mundo

Narrativa oral	Comentários	Narrativa escrita	Comentários
Como surgiu o povo... Os povos indígenas Kaingáng né? Quando se fala em povos não é só Kaingáng. Para nós que tamos estudando... entendemos assim dos povos né? Que cada um tem a sua cultura diferente a sua fala diferente.	Há traços da tradição oral porque o narrador insere-se plenamente na narrativa, evidenciando que seu grupo já está estudando e por isso acreditam na existência de mais de uma cultura, e consequentemente a existência de diferentes mitos sobre a origem dos seus povos, contados de forma distinta. Ao lermos o início da narrativa oral percebemos que por trás do uso das reticências estão escondidos os gestos, os meneios das mãos da informante, que não podem ser transcritos, mas são elementos marcantes nas narrativas orais. O sujeito também fala e conta através das mãos.	Não existia gente no mundo, apenas um homem chamado Toba com sua mulher. Plantavam macaxeira, milho, batatas, banana, mamão. Fora a roça deles, tudo era natureza, sem plantação alguma. Eram só os dois sozinhos. Nem sequer bichos havia; só cutia e o nambu-relógio.	A narrativa escrita já inicia contando a história da origem dos povos indígenas, não faz referências à existência de outras versões sobre o mesmo mito como também não informa ao leitor a origem e etnia indígena à qual a narrativa pertence. A narrativa também apresenta uma contradição: primeiro afirma que não existia gente no mundo, depois narra a existência de um único homem e sua mulher, possibilitando, assim, um questionamento sobre a veracidade e origem dos fatos.

continua

continuação

Narrativa oral	Comentários	Narrativa escrita	Comentários
<p>Então pra nós Kaingáng como surgiu o povo indígena foi em dois grupos, né? Um grupo surgiu da terra os dois grupos surgiram da terra.</p>	<p>A informante parece querer evidenciar um registro histórico ao apontar que os grupos indígenas surgiram em dois grupos, e enfatizar que os dois grupos se originaram da terra. A contradição “Um grupo surgiu da terra, os dois grupos surgiram da terra” pode demonstrar a necessidade da narradora de se inserir em fatos, acrescentando, na narrativa, seu conhecimento e lembranças que vão surgindo das histórias que já havia escutado dos seus antepassados. Ao inserir seu grupo indígena no texto, utilizando o termo “Para nós”, evidenciamos outra característica da tradição oral, pois o texto está sujeito a alterações e evoluções, refletindo os valores, as crenças, os desejos e as necessidades da comunidade. Em relação aos elementos obrigatórios para a análise de uma narrativa, podemos afirmar que existe certa dificuldade em caracterizá-los, pois, como vimos a narrativa da informante indígena não segue uma estrutura linear, uma vez que não apresenta uma introdução nem uma ligação temporal. A indígena conta os fatos, rememora acontecimentos e enfatiza lembranças, sem seguir uma sequência fixa, característica das narrativas escritas.</p>	<p>Um dia, vii que a colheita estava desaparecendo. Imaginando que o ladrão podia ser a cutia, se não fosse a tanajura ou a saúva, fez uma tocaia para espreitá-la, bem de madrugada. Em vez de cutia, vii que era gente, debaixo da terra, que esticava a mão por um buraco para roubar seu milho. Toba conseguiu ouvir conversas no subter-râneo, pessoas brigando para ver quem poria primeiro a mão para surripiar o milho.</p>	<p>A marcação de tempo “um dia” não aponta uma data precisa, mas referencia um passado ancestral, o que pode ser visto como uma marca da tradição oral. Os verbos em terceira pessoa indicam um narrador exterior aos acontecimentos e às informações, características da narrativa escrita. Com relação à natureza dos elementos obrigatórios numa narrativa vimos que a história narrada da escritora branca é composta por início, meio e fim, apresentando a introdução de um momento, quando? (antigamente quando não existiam pessoas no mundo), um local, onde? (Onde tudo era natureza), personagens atuantes, quem? (Toba e sua esposa) e uma situação de fundo, na qual o conteúdo da narrativa se desenvolve (o sumiço de sua colheita, o que sinalizava a existência de pessoas em baixo da terra). Este conteúdo é constituído por uma série de eventos conectados, organizados pela narradora. Percebemos também na narrativa escrita, uma ligação temporal entre as sentenças, ou seja, entre a história do Toba, o desaparecimento de sua colheita, as pessoas que estavam embaixo da terra e o surgimento das famílias indígenas na terra.</p>
<p>Daí eles começaram a cavar a montanha porque queriam sair né? Só que cada um foi para um lado o primeiro deles encontrou muita terra então cavou e cavou e conseguiu sai primeiro né? [...] Esse primeiro surgiu quando o sol nasceu clareou o dia apareceu o sol né? Então surgiu o primeiro grupo que foi dado o nome de Kamé [...] Por isso hoje nós temos a Organização Social das raças [...] esses que saíram da terra quando o sol nasceu [...] foi dado o nome do grupo Kamé. [...] o outro irmão Kaingáng encontrou só pedra no caminho enquanto ele tava cavando [...] ele só saiu da terra à noite no amanhecer [...] e foi chamado de Kañerú.</p>	<p>A partir desse ponto, a Narradora adentra mais convictamente o terreno da tradição oral, relatando os fatos como se tivesse a experiência dos acontecimentos narrados. As experiências vividas tornam-se mais significativas e as crenças, que permanecem até hoje, mais marcantes. Ao enfatizar as questões das duas marcas, percebemos o valor do mito fundador dentro da comunidade indígena se perpetuando até hoje, caracterizando a origem da organização das etnias indígenas a qual se perpetua e se expande até nos nossos dias.</p>	<p>A saída do mundo subterrâneo era um buraco tampado por uma rocha pesadíssima. Toba fez força e conseguiu levantá-la para as pessoas saírem; mas tinham que ficar segurando o peso imenso, apressando o povo enquanto sustentava a rocha. As pessoas foram saindo. [...] Toba não queria que saísse a semente dos que não são índios, dos que são chamados “brancos”. Quando aparecia a cabeça de homem ou mulher que não era índio querendo sair, Toba empurrava de volta para o buraco.</p>	<p>O narrador assume aspectos da memória histórica, assumindo o encargo de revelar a verdade sobre os fatos com a autoridade da narrativa escrita. A escritora descreve perfeitamente a origem dos povos indígenas, porém a narrativa ganha uma característica marcante, a escritora inclui o branco na narrativa do seu mito de criação, fato esse não identificado nas narrativas orais indígenas nas quais a presença do branco não é enfatizada.</p>

continua

conclusão

Narrativa oral	Comentários	Narrativa escrita	Comentários
<p>Hoje eu sou Kañerú, então o meu grupo surgiu de noite, né? No amanhecer. Então por isso que hoje tem dois, dois clãs, né? Que se chamam que são as marcas. [...] E aí o grupo que nasceu que saiu primeiro era o Kamé eles subiram pra os morros pra cima, nos lugares altos. E o grupo de Kañerú vieram pra baixo, para os lugares baixo [...] Então o que eles disseram – não nós temos que nos reunir com os outros! Então desceram para se reunir com os que estavam nos lugares mais baixos então foi aí que surgiu a família indígena.</p>	<p>Percebemos que a narradora participa dos fatos narrados. A narrativa é conduzida em primeira pessoa e os tempos verbais realizam uma relação temporal em que passado e presente se encaixam na história como uma continuidade harmoniosa: os fatos do passado justificam os acontecimentos atuais. Não há juízos de valor sobre as crenças, mas uma manifesta intenção de se adaptar a elas. Também nesse relato é possível perceber marcas da narrativa oral, na forma como o narrador se posiciona no enredo, na sua linguagem, e na forma como organiza os fatos.</p>	<p>Toba foi ficando bravo, pois a semente dos “brancos” (um homem e uma mulher) conseguiu sair, mas a mulher linda acabou ficando lá dentro. [...] A semente do “branco” ficou para trás. O índio ficou sendo o dono da terra, porque saiu primeiro. O “branco” saiu por último; Toba queria que ele tivesse ficado lá embaixo. Toba espalhou os povos dos índios por todos os cantos, aumentando a terra e o matto para todos caberem.</p>	<p>O narrador é alguém que analisa um contexto de fatos sucedidos sem, entretanto, fazer parte da narrativa. Os tempos verbais estão no passado e os pronomes em terceira pessoa, de forma que o narrador conduz o enredo se colocando de fora da narrativa. Ele não participou dos fatos, mas os conhece e se sente autorizado a discorrer sobre eles, porque se ampara numa autoridade que lhe vem da tradição escrita. Isso o qualifica não somente para conduzir à narrativa, mas também para emitir juízos de valor sobre as experiências e crenças de outros, neste caso os indígenas.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras

Considerações finais

Como vimos, na narrativa oral, a permanência do texto repousa unicamente na memória da indígena que conta os fatos, enquanto que, na narrativa escrita, o conteúdo é fixado pela prática escritural e o conhecimento torna-se possível, mesmo que o enunciador não se faça presente. É por esse motivo que existem as diversidades, ou seja, os conteúdos variam ao mesmo tempo em que a história principal se mantém intacta. Esse fato caracteriza muito bem os textos orais, enquanto que uma maior rigidez e imutabilidade de conteúdo e forma caracterizam os textos escritos.

Surge, então, a questão da fidelidade da transmissão oral, que se relaciona, por sua vez, com os processos de memorização e improvisação na hora de contar. Sendo assim, as variações do texto oral, que observamos no contar da informante indígena, poderiam ser julgadas como imperfeições da oralidade, porém, fazem parte do seu princípio constitutivo, já que não são “traições” a uma “forma original” que se tentariam restituir e se inscrevem num estilo, o estilo oral, que pretende viabilizar a memorização por parte do contador e a compreensão por parte do ouvinte.

Percebemos que em muitos momentos a informante indígena muda o discurso. “Então pra nós Kaingáng como surgiu o povo indígena foi em dois grupos, né? Um grupo surgiu da terra os dois grupos surgiram da terra”, assinalando assim suas reflexões sobre um mesmo acontecimento. Essas mudanças de discurso se dão em sintonia com a alteração da voz, com o franzir do rosto, com o olhar que se desvia de quem está ouvindo e parece buscar algo escondido no além.

Nesse momento, a indígena parece voltar para si mesmo refletindo sobre sua história, que, parece-nos, um dia já vivera. Como se estivesse em transe paralisa a si e aos que a ouvem. O olhar revela os gestos de leitura do mundo, de um mundo que se manifesta pela linguagem.

Ao cotejarmos as duas narrativas, evidenciamos uma história em comum: os povos, sob a perspectiva das comunidades indígenas, surgiram da terra. O mito fundador está ligado à questão da natureza e a partir dos indígenas se originaram outros povos sobre a terra. Porém, ao analisarmos atentamente a narrativa escrita, encontramos diversos contrapontos em relação ao mito contado pela informante, principalmente no que tange à inclusão do homem branco ao mito fundador dos povos indígenas.

Observando a narrativa da escritora branca, evidenciamos marcas muitas vezes preconceituosas em relação aos povos indígenas. O texto “O começo da humanidade” procura explicar a origem dos seres humanos a partir da perspectiva dos indígenas brasileiros, entretanto, o mito apresenta uma ideia de um índio selvagem, mau, que não queria aceitar a presença dos brancos na terra: “Toba não queria que saísse a semente dos que não são índios, dos que são chamados “brancos”. Quando aparecia a cabeça de homem ou mulher que não era índio querendo sair, Toba empurrava de volta para o buraco” (MINDLIN, 1993).

Imaginamos o que deve passar na cabeça das pessoas ao lerem este mito: os índios não queriam que os brancos existissem, e o fato de o índio Toba empurrar os brancos de volta para o buraco significava que o índio queria “matar” e “acabar” com os brancos.

Outro fragmento interessante neste mito é o fato de Toba não deixar sair do buraco uma mulher linda, que estava lá dentro: “Se tivesse saído, as pessoas hoje seriam lindíssimas”. (MINDLIN, 1993).

Normalmente os mitos orais indígenas não fazem menção alguma à distinção de raças, pessoas bonitas ou feias, e nem que o índio não queria permitir a existência do homem branco da terra para se tornar dono dela. Normalmente as narrativas contadas pelos indígenas, como observamos no texto da informante, carregam crenças passadas durante toda uma vida e preservadas no seio da comunidade.

A questão da veracidade sobre os fatos narrados é um conceito importante para as narrativas que se orientam pela tradição escrita. Não sabemos ao certo a origem do mito contado pela escrita não índia, e a veracidade dos fatos que se apresentam na narrativa, porém na narrativa oral é evidenciada a veracidade em sua narração a partir do momento em que expressa seu próprio mundo: “Então pra nós Kaingáng como surgiu o povo indígena foi em dois grupos [...] Hoje eu sou Kañerú, então o meu grupo surgiu de noite” (Depoimento da indígena).

Ao final da análise, podemos observar que existem aproximações entre as duas narrativas ao abordarem a ideia de que os povos indígenas surgiram da mãe terra, porém os distanciamentos são evidenciados a partir do momento em que não podemos conferir a veracidade dos fatos apresentados na narrativa escrita, que evidencia um discurso que poderia não ser aceito em muitos grupos indígenas como seu mito fundador.

Dessa forma, os relatos, as narrativas e as histórias de vida são convenções culturais que se interligam a um contexto histórico, e, portanto, o que se relata é constituído pela cultura em que se vive, e não há como transcrever a originalidade dos fatos quando não se está inserido no grupo no qual as histórias se originam.

Referências

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz: As edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte: A Autêntica; FALE/UFMG, 2004.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

CARVALHAL, Tania Franco. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Niterói, v. 1, p. 9 - 21, mar. 1991.

CASSAB, Latif A. História Oral: miúdas considerações para a pesquisa em Serviço Social. *Serviço Social em Revista (Impresso)*, v. 5, p. 5-2, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v5n2_latif.htm>. Acesso em: 19, agost. 2013.

FERREIRA NETTO, Waldemar. *Tradição Oral e Produção de Narrativas*. São Paulo: Paulistana, 2008.

MENGHI, Renato Wanderley. Marcadores de transição entre tradição oral e tradição escrita em narrativas orais. *Revista Pesquisa & Criação (online)*, v. 10, p. 83-97, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/propesq/article/viewFile/406/442>>. Acesso em 19 de agosto de 2013.

MINDLIN, Betty. **Tuparis e Tarupás**. São Paulo: Brasiliense / Edusp / Iamá, 1993.

REMAK, Henry H. H. Literatura comparada: definição e função. In: COUTINHO, Eduardo F; CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. Textos fundadores. Rocco: Rio de Janeiro, 1994.

SILVA, Aracy Lopes da. Mito, razão, história e sociedade: inter-relações nos universos socioculturais indígenas. In: SILVA, Aracy Lopes da;

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). **A Temática indígena na escola:** novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Global; Brasília: MEC: MARI: UNESCO, 1998, p. 317- 335.

Data de submissão: 28/04/2014

Data de aprovação: 24/07/2014